



CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **XII Encontros de Viana – Cinema e Vídeo** (2012).

Autoria dos textos e orientação : Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

LOUISE MICHEL

Título original: Louise-Michel

Realização: Gustave de Kervern, Benoît Delépine

Género: Comédia

Classificação: M/16

Outros dados: FRA, 2008, Cores, 93 min.



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com

Resumo

Numa pequena cidade anónima do norte de França, as funcionárias de uma empresa têxtil descobrem um dia que os patrões desmontaram as instalações e fugiram. Abandonadas, com formação insuficiente para entenderem as razões profundas que as levaram ao desespero, juntam as suas pequenas indemnizações para lançarem um projeto comum. Louise Ferrand, uma mulher de meia-idade, ex-reclusa, solteira, analfabeta, sugere a contratação de um assassino profissional para executar o ex-patrão. Entusiasmadas, as colegas aceitam a ideia e encarregam Louise de encontrar o homem certo. É assim que esta cruza o caminho de Michel Pinchon, detetive privado falido e mitómano. Embora incapaz de matar, Michel aceita o contrato por necessidade. Pede então a Jennifer, uma prima moribunda, para executar o patrão francês da empresa. Porém, existem outros patrões, pois a empresa fazia parte de uma multinacional, o que leva Louise e Michel a perseguirem a sua missão: seguir o rastro da cadeia de chefes de Bruxelas a Jersey e eliminá-los. Entretanto, o casal sofre estranhas metamorfoses físicas e psicológicas...

Crítica

À semelhança dos seus filmes anteriores, *Delépine e Kervern* (*Aaltra*, 2004; *Avida*, 2006) continuam em *Louise-Michel* a explorar as vias de um cinema audacioso e inventivo. Trabalhando com poucos recursos, com uma só câmara, em cenário natural, experimentam de facto uma cinematografia assumidamente pobre, sem efeitos especiais, focalizada na experimentação, em guiões complexos marcados pelo surrealismo, do ponto de vista estético, e pelo anarquismo revolucionário, do ponto de vista ético.

Talvez em *Louise-Michel* se note uma evolução no seu trabalho, pois ao contrário de *Avida*, obra experimental pura influenciada pela estética de filmes surrealistas como *Um cão andaluz* (Buñuel e Dali, 1929), o filme aparenta um guião mais linear, mais empenhado também. Empenhamento esse que deve ser entendido no sentido político da palavra, pois os dois realizadores guionistas denunciam, com recurso a um humor feroz, com um toque de humor negro nalgumas sequências, as práticas ilegais das multinacionais: despedimentos ilegais, desmantelamento de empresas, especulação bolsista. Se esta denúncia consegue comover espetador, até chocá-lo, será tanto pela forma como narram a história, o surrealismo a que aludi há pouco, como pela vontade clara de contribuir para uma mudança de paradigma social.

Do ponto de vista formal, entre as características fortes desta obra em curso, destacaria, em primeiro lugar, a ausência de campo contra campo e a presença de planos fixos com o corpo e a voz do ator a estruturarem e ocuparem o espaço fílmico. Os *takes* são poucos no cinema de Delépine e Kervern, um ou dois, pois o propósito é apanhar o momento justo, conseguir manter a energia dos atores para representarem este preciso momento. Aliás, é de evidenciar o trabalho do duo com atores recorrentes em papéis principais ou secundários (Bouli Lanners, Benoît Poelvoorde, Yolande Moreau, Albert Dupontel por exemplo), o que facilita ainda mais a sua maneira de filmar (explica também o tempo muito curto de filmagens, três ou quatro semanas). Relativamente à segunda característica, a dos planos fixos, são de facto comuns neste filme e contribuem para a sua riqueza bem como para a sua complexidade. Veja-se, por exemplo, a curta sequência do café onde as funcionárias celebram a sua nova bata (06'19-06'58). Num primeiro plano, à esquerda, temos Louise sentada a uma mesa, com uma garrafa de água a fechar o espaço à direita e entre ambos, em pano de fundo, as colegas de Louise a dançar e a cantar; é do choque entre a celebração do grupo e a tristeza de uma Louise solitária que nasce a inquietação/suspeita junto do espetador. Por outras palavras, é na profundidade de campo que é sugerido o futuro problema do grupo, com o confronto entre

atitudes/situações antagónicas colocadas ao longo da perspetiva que parte da mesa de Louise e acaba na mesa da festa.

Outra sequência paradigmática da estética do filme é visível na primeira vez que Louise e Michel se encontram no parque de *roulottes* (24'03- 26'05): câmara fixa e diálogo em *off*, Louise e Michel atravessando o quadro e continuando no espaço virtual, além quadro. Uma estética inimaginável no cinema comercial hegemónico!

Complexo, este filme é-o igualmente na gestão das personagens principais, pois Louise e Michel evidenciam problemas identitários: utilizam tanto nomes masculinos como femininos até lentamente mudarem de sexo no decorrer do filme. Assim, Louise torna-se aos poucos o elemento masculino e Michel o elemento feminino, até engravidar e dar à luz na sequência final. Aliás, Flambart, o diretor dos Recursos Humanos que aparece em casa de Louise para lhe entregar a bata, dirá que com ela há sempre um problema de denominação (09'20) – Louise ou Jean-Pierre? –, o que parece remeter para um problema de identidade sexual (será ela homem ou mulher?). O mesmo acontece relativamente a Michel, que revela ser Cathy durante a sequência da visita aos seus pais (37'44-41'24).

A partir deste ponto de vista, é essencial a sequência do pequeno-almoço no hotel em Bruxelas, em plano fixo mais uma vez, (01:03:52 – 01:05:14), durante a qual o recetor entende finalmente que Louise é de facto Jean-Pierre e Michel é Cathy. A própria linguagem reflete a mudança, pois Michel começa a falar no feminino e Louise assume a sua masculinidade gramatical. De facto, o jogo sobre a identidade passa igualmente pela linguagem: Louise/Jean-Pierre diz na mesma sequência: «*Nós* é que matámos, *eu!*» o pronome «*nós*» remetendo para Louise/Jean-Pierre. Retrospectivamente, esta sequência esclarece outra, a do assassinio do banqueiro que vem visitar Jean-Pierre na sua quinta (10'30 – 11'50). Só se percebe na sequência do pequeno-almoço no hotel que o assassino era a futura Louise. Notar-se-á rapidamente que estas metamorfoses, passagens de um sexo para o outro, também ecoam num certo teatro surrealista do início do século XX, onde tais modificações de identidades eram recorrentes.

Entre outras características que contribuem para a criação deste universo fílmico tão peculiar, um universo imediatamente reconhecível mas que está ao mesmo tempo em permanente evolução, destaca-se a importância dada à música. Assim, Gaetan Roussel (igualmente líder do grupo de rock alternativo *Louise attaque*) compôs em grande parte as bandas sonoras de *Louise Michel* e de *Mammuth* (2010), o *opus* seguinte de Delépine e Kervern, contribuindo de forma ímpar para a criação da atmosfera que envolve ambos os filmes. Esta importância dada à música encontra-se igualmente ilustrada nos frequentes *cameos* (aparição fugaz de uma personalidade numa narrativa) de músicos famosos (Philippe Catherine neste caso, mas também Sanseverino e Rokia Traoré em *Avida* ou ainda Dick Annegarn em *Mammuth*).

Dizia há pouco que, do ponto de vista ético, *Louise-Michel* defendia uma mudança de paradigma social. Se a maneira como os realizadores filmam pode ser relacionada com as experiências surrealistas, também não seria errado ver na forma algo do anarquismo revolucionário que caracteriza o posicionamento ideológico do filme. Perante a violência do sistema neoliberal, traduzida aqui pelo despejo da empresa e o licenciamento selvagem, o grupo de funcionárias só encontra solução numa resposta ela própria violenta.

A resposta à agressão neoliberal passa igualmente pela tonalidade cómica do filme, mas não se trata de um cómico gratuito, um cómico de diversão, pois em muitas sequências o humor negro suscita um mau-estar junto do recetor, uma sensação de angústia. De facto, os indivíduos representados surgem marcados pela desgraça individual (perda de um ser amado, doença) e/ou pela desgraça coletiva (despedimento, fragilidade social), mas, à semelhança de Louise, encontram uma possível salvação, ela própria marcada pela contradição, na revolta

violenta contra o sistema na origem da sua desgraça. Aliás, não será gratuito o título que Delépine e Kervern escolheram para o seu filme. Se, por um lado, remete imediatamente para o par de personagens que estrutura o filme (o traço associando-os ainda mais intimamente), por outro lado, evoca uma figura famosa, incontornável, do anarquismo revolucionário: Louise Michel (1830-1905), anarquista francesa que dedicou grande parte da sua existência à luta contra o sistema liberal, contra as instituições que acusava de opressão social (a Igreja, por exemplo) em prol da emancipação dos proletários.

Não será exagerado ver na caminhada de Louise e Michel do Norte de França até Jersey, passando por Bruxelas, um dos possíveis caminhos a seguir para lutar contra as origens da crise. Neste contexto, Bruxelas simboliza a origem política/ideológica da crise económica que assola Portugal, pois foi a Comissão Europeia, dirigida por Durão Barroso, que impôs um neoliberalismo desenfreado ao país. Relativamente a Jersey, a ilha aponta metonimicamente para o papel central dos paraísos fiscais no sistema neoliberal, que permitem às multinacionais eludir (alguns dirão fugir) os impostos e assim privar o Estado dos recursos indispensáveis para o seu funcionamento. A citação final de Louise Michel relativamente à possibilidade de uma revolução violenta contra a exploração deveria soar igualmente como uma advertência junto dos mais poderosos. Porém, há muito que estes deixaram de ouvir a voz dos condenados deste mundo.

PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO DO FILME

1. Reflexão Individual

Preenchimento do guião de observação que segue em anexo

2. Reflexão em pequeno grupo

Divisão da turma em grupos, cabendo a cada grupo:

- Identificar as problemáticas que o autor do filme pretende abordar;
- Identificar, no filme, problemas com que se debate a sociedade atual;
- Selecionar três momentos do filme que considere particularmente relevantes, justificando as opções tomadas;
- Tomar uma posição crítica relativamente às soluções encontradas por Louise face aos problemas com que se vai deparando, ao longo do filme.

3. Reflexão em grande grupo

Apresentação das conclusões à turma para debate.

Registar uma ou mais mensagens positivas que integrem valores a promover.

Para todas as opções terão que apresentar argumentação que sustente as suas posições

ALGUMAS QUESTÕES QUE PODERÃO SER FOCADAS DURANTE O DEBATE

- O capitalismo (modelo económico e social)
- Relações sociais de produção em contexto de crise: precaridade; desvalorização dos salários; perda de direitos e de regalias sociais, desemprego ...
- As desigualdades sociais/Conflitos sociais/ Tensões sociais
- Identidade de género: transexualidade

AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com



Guião de Visionamento

Ficha Técnica

Nome do filme:

Realizador:

Género:

Data de realização:

Duração:

A preencher após o visionamento do filme

Situa a acção no tempo e no espaço.

Indica as personagens mais importantes.

Refere a temática abordada.

Elabora um pequeno resumo do filme (sinopse).
